

ARTIGO

LETRAMENTO DIGITAL NA EDUCAÇÃO PLANETÁRIA: impactos da internet no português como língua materna

Marina Ariento ANGELOCCI¹

Bruno Gomes PEREIRA²

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a Língua Portuguesa e seus usos sociais em sua modalidade escrita, semiotizada em textos digitais produzidos em uma era planetária. Os pressupostos teóricos estão alojados em pesquisas que versam sobre escrita no contexto digital, letramento tecnológico e linguística textual. A metodologia é do tipo bibliográfico, partindo do pressuposto que foram mobilizados múltiplos autores de diferentes ramificações teóricas, para que a escrita digital, aqui também chamada de *internetês*, fosse discutida sob diversos pontos de vista teóricos. Verificou-se a importância de analisar como a internet interfere na vida das pessoas em relação à escrita, estando imersa às práticas sociais de uma sociedade pós-moderna.

Palavras-chave: Escrita; internet; Letramento Digital; Linguagem; Pós-Modernidade; Redes Sociais.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la lengua portuguesa y sus usos sociales en su modalidad escrita, semiotizados en textos digitales producidos en una era planetaria. Los supuestos teóricos se albergan en investigaciones que se ocupan de la escritura en el contexto digital, la alfabetización tecnológica y la lingüística textual. La metodología es de tipo bibliográfico, partiendo del supuesto de que se movilizaron múltiples autores de diferentes ramificaciones teóricas, de manera que la escritura digital, aquí también llamada *internetês*, podría ser discutida desde diferentes puntos de vista teóricos. Se verificó la importancia de analizar cómo internet interfiere en la vida de las personas en relación a la escritura, al estar inmersas en las prácticas sociales de una sociedad posmoderna.

Palabras clave: Escritura; internet; Alfabetización digital; Idioma; Posmodernidad; Redes sociales.

¹ Doutora em Administração pela Universidade Nove de Julho (Uninove). Docente e coordenadora do Curso de Pedagogia, Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos e Logística do Centro Universitário Anhanguera Pitágoras Ampli, Santo André (SP).

² Doutor em Ensino de Língua e Literatura (Estudos Linguísticos) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Docente do Centro Universitário Anhanguera Pitágoras Ampli, Santo André (SP).

Introdução

Na chamada era da tecnologia, a internet ganha status de intermediadora das práticas sociais de comunicação em razão da maneira como tem facilitado determinadas projeções interativas. Isso, por sua vez, pode ser entendido como globalização da informação.

Segundo Souza (2001), com a internet, a prática da escrita tomou novas dimensões, havendo um rompimento da rigidez da linearidade da escrita. A autora comenta que a escrita tradicional não é tão explícita e provocativa como no texto digital, uma vez que libera o leitor usuário de regras estabelecidas no código linguístico da Língua Portuguesa. A escrita, enquanto prática socialmente engajada, colaborou como novos desdobramentos de comunicação, facilitando a troca de informação e o desenvolvimento intelectual do ser humano.

Os usuários da internet se comunicam com mais dinâmica. A comunicação on-line se transforma a todo momento e, com isso, a dificuldade no trato linguístico, em relação à língua falada ou escrita causa preocupação para os docentes de Língua Portuguesa como para outras áreas de ensino.

A expansão da internet trouxe uma nova era, aproximando povos e também permitindo a aquisição de conhecimentos e aperfeiçoamento de cursos, fazendo também surgir um novo estilo textual, o hipertexto. Este, por sua vez, para Souza (2001), demonstra um novo estilo linguístico, com texto aberto, livre e solto, ou seja, sem fronteiras definidas. É uma produção independente e liberal em uma cultura implícita de linguagem formal ou coloquial.

Para Presky (2001), os alunos atuais são nativos da linguagem digital dos computadores, videogames e da internet. Os docentes não nasceram em um mundo galgado em aparelhos tecnológicos, mas precisaram se tornar parte desse mundo digital em algum momento: são os imigrantes digitais.

É possível notar, por exemplo, que o correio eletrônico (e-mail) é uma forma de diálogo, considerada bem informal entre os jovens, com uma formalidade inerente a meio de advogados, professores, ou seja, pessoas mais velhas que ainda usam a norma culta da Língua Portuguesa. Na atualidade, é comum encontrarmos jovens que apresentam visões simplistas acerca da internet. Para parte desse grupo linguístico, a internet pode ser vista uma forma de conversas instantâneas, com mensagens em tempo real nas redes sociais, exigindo velocidade e possibilitando uma linguagem informal, que se aproxima da língua falada no dia a dia.

Sendo assim, o presente artigo pretende verificar o tipo de linguagem usada pelos usuários da internet, o chamado *internetês*, por meio de pesquisa bibliográfica com a finalidade de identificar se a linguagem usada por alunos nas comunicações virtuais está, de alguma forma, interferindo na escrita formal dos mesmos.

Como problemática espera-se responder a seguinte questão: como a internet interfere na escrita e no aprendizado dos jovens estudantes?

Referencial teórico: o *internetês*

A palavra *internetês* é um neologismo derivado da palavra internet e o sufixo “ês” responsável por formar adjetivos a partir de substantivos (CAMPÊLO, 2012). O *internetês* dá nome a palavras abreviadas utilizadas na internet e é conhecido como forma grafolinguística difundida em textos como *chats*, *blogs* e demais redes sociais. É uma prática de escrita caracterizada pelo registro divergente da norma culta padrão (KOMESU; TENANI, 2009).

Com o avanço da tecnologia, percebe-se a evolução dos meios de comunicação, refletida no modo de linguagem dos usuários das novas tecnologias, que, em virtude da facilidade e rapidez das informações, usam palavras resumidas que, com grande poder de significação, não faziam parte da língua materna.

Diante disso, é válido pontuar as noções de letramento, sobretudo em sua esfera digital, a qual tem sido motivo de muita discussão no contexto acadêmico da Educação e de outras ciências que se interessam pelas práticas sociais em diferentes perspectivas. Ao termo “letramento” afere-se o significado esboçado por Street (1984), quando problematizou questões voltadas à interação e ao jogo de vozes sociais. Nesse sentido, o referido termo foi criado para diferenciar as práticas de alfabetização de outros movimentos mais representativos no que tange ao tato com a linguagem. Logo, para o autor, pensar em letramento é acreditar em recombinações ideológicas, capazes de semiotizar práticas sociais múltiplas, levando o usuário da língua a refletir sobre seu próprio uso linguístico. Embora esse pensamento de Street tenha sido evidenciado na década de 1980, ganhou méritos de atemporalidade, partindo do pressuposto de que os desdobramentos investigativos que se tem hoje sobre as práticas de letramento, são advindos de sua perspectiva sociointeracionista.

No campo das investigações que versam sobre letramento digital, com vasta articulação com situações que versam sobre o universo da educação, podem-se citar os trabalhos de Signorini (2013) e Braga (2007). Em ambos os trabalhos, os autores procuram articular a extensão da internet às práticas sociais escolarizadas, sob uma égide bakhtiniana, galgada na troca de sentidos e na multiplicidade de poderes centrípetos e centrífugos entre enunciadores.

Signorini (2013), ao considerar os impactos da internet no contexto do ensino de Língua Portuguesa, argumenta que o hipertexto não opera no vazio, principalmente, atrelado às perspectivas tecnológicas, o que muito pode colaborar para o uso consciente das ferramentas educacionais globalizadas. Diante disso, de acordo com a pesquisa, o ato de ensinar utilizando ferramentas tecnológicas tem ganhado relevância com o tempo, com a tendência de aumentar ainda mais. Logo, entender os mecanismos hipertextuais pode ajudar o enunciador na compreensão do jogo de textos, ao contribuir para o desenvolvimento de competências e habilidades cognitivas do discente.

Por outro lado, Braga (2007) acrescenta que o objetivo da internet é incluir, ainda que isso, na prática, não seja o que realmente ocorre, sobretudo no contexto de ensino remoto. A autora, então, acredita que as práticas de letramento digital possam

minimizar essas lacunas e, com isso, retomar à verdadeira proposta do universo da internet, que é manter os usuários conectados por rede. No contexto do ensino de Língua Portuguesa, a autora assevera que é por meio do entendimento da linguagem que essas barreiras poderão ser minimizadas e, com isso, novas possibilidades para o ensino de língua materna possam ser vislumbradas.

O impacto das tecnologias digitais pode acarretar em múltiplos desdobramentos de poder no contexto de aprendizagem dos discentes, uma vez que estes possuem próprio vocabulário virtual, repleto de abreviaturas e símbolos com supressão de letras na composição de sílabas e palavras (MARCUSCHI; XAVIER, 2004). Um vocabulário restrito advém de pouca leitura e gera, com isso, recorrentes inadequações gramaticais, gerando insegurança e falta de habilidade para a produção da escrita, situação que pode ser identificada pelos professores de Língua Portuguesa.

O *internetês*, novo gênero de linguagem nos meios de comunicação virtual (e-mails, chats, blogs, redes sociais como Instagram, Facebook, WhatsApp), é o estilo mais usado atualmente por jovens. A cada geração e faixa etária existe uma forma própria de falar, com vocabulários particulares, com variações em virtude de diferenças sociais e econômicas, acesso a informações, cultura, educação formal, profissão, entre outros fatores.

O uso constante de tecnologias influencia a relação de alunos com a escola e com a língua e a proliferação de um linguajar abreviado está relacionado com o convívio social do usuário. A familiaridade do *internetês* é proporcional à inclusão social. Tal raciocínio se aproxima muito do que Morin, Ciurana e Motta (2003) entendem como “educação na era planetária”. Para os autores, o ato de educar é, sobretudo, um acontecimento orgânico que deve estar em sintonia com os demais acontecimentos que o cercam. Logo, no século XXI, pensar a educação como uma ilha é, no mínimo, uma visão ingênua. O contato, a conexão em rede e a possibilidade criação nunca foram fatores tão essenciais à raça humana em nível planetário. O advento tecnológico e digital opera como conector entre fatores externos ao ensino e as práticas educacionais para o ensino do Português como língua materna.

Diante disso, a educação é fator chave de desenvolvimento humano, sendo, portanto, essencial, para a construção de um cidadão capaz de atuar e interagir na sociedade. Para Marcuschi e Xavier (2004), a linguagem é uma faculdade cognitiva adaptável às mudanças comportamentais e responsável pela disseminação das transformações sociais, políticas, culturais geradas pela criatividade do ser humano. O homem perde sua função como ser racional e social sem se comunicar. É preciso a comunicação para a expressão de pensamentos, ideias, emoções, seja com a palavra escrita ou falada (COSTA, 1986).

Diante da expansão tecnológica, a escola assume um papel importante para a sociedade, já que colabora para a apresentação da tecnologia, principalmente para alunos excluídos do mundo digital. Os professores podem situar os alunos e colaborar com eles para uma participação ativa e responsável (SANTOS; MORAES, 2003).

No mesmo sentido do pensamento acima, Koch (2000) diz que a interação social pela língua é argumentativa, sendo essencial para a capacidade de avaliação, crítica e interpretação em várias situações. Para Gnerre (2005), a escola aprimora a linguagem e o vocabulário do aluno como forma de contribuição para a argumentação e posicionamento, além de ser fonte de aprendizado linguístico.

Segundo Galli (2005), a linguagem da internet permite uma linguagem acessível para todos os tipos de leitores. Crianças e jovens usam imagens como *emoticons* (“carinhas” que expressam sentimentos como alegria, raiva, amor, entre outros), fotos, desenhos em suas conversas virtuais pelas redes sociais. Usar esses artifícios é comum no mundo virtual, de modo a simplificar a escrita formal e agilizar a digitação, o que minimiza regras gramaticais em relação à escrita fora do contexto da internet. Além disso, abreviações são usadas, por exemplo: em vez de “você” usa-se “vc”; no lugar de “quando” usa-se “qdo”; “também” é digitado como “tbm” ou “tb”; o termo usado pelos jovens “beleza” é abreviado como “blz”; dentre outras diversas palavras.

Em síntese, é pertinente considerar que o desafio da escola tem relação com o ato de desenvolver as habilidades cognitivas que o educando apresenta daquilo que ele domina, adquiridas cotidianamente. Um ensino eficiente e eficaz pode desenvolver todas as habilidades do aluno, cabendo ao professor a função de informar, questionar, explicar e corrigir, possibilitando a independência do aprendiz. Para Geraldi (1996), a linguagem não ocorre antes da interação, mas se adapta e se posiciona com as construções de conhecimentos.

Escrita e leitura

Sabe-se que a Língua Portuguesa, derivada do latim, teve variações linguísticas com o passar dos anos. Surgiu também o *internetês*, que não é aceito na norma culta, uma vez que a forma de escrita é considerada incorreta e inadequada com uso de abreviações e imagens. Os jovens se sentem atraídos por essa linguagem, já que a comunicação é rápida, atrativa, fazendo com que fiquem livres para expressar ideias e sentimentos. O referido público tem apresentado indícios gramaticais que não condizem com as orientações da linguagem formal em sua modalidade padrão-escrita, tendo em vista que o *internetês* apresenta um acervo vocabular mais reduzido em relação aos textos produzidos em contextos sociais mais formais.

A linguagem culta é ideal em condições mais formais, em que os interlocutores agem em conformidade com regras sociais de interação previamente estipuladas. Para a Linguística, enquanto ciência da linguagem, o falante culto não é o que conhece a gramática, mas aquele que se adapta às variações de linguagem, de acordo com cada situação. Portanto, o *internetês* é um exemplo de uso de língua que não deve ser usado o tempo todo. Cabe à escola ensinar a norma culta, sabendo combater a discriminação por variações de linguagem, respeitando às diferenças.

De acordo com Bagno (2005), o ensino padrão se justifica por valores que não

podem ser negados, em sua associação com a escrita, uma vez que é repositório de conhecimentos acumulados na história e parte da cultura valorizada e prestigiada. Portanto, a escola precisa ensinar a norma padrão, mas não desprezar outras normas e dialetos. É essencial ao professor conhecer a pluralidade e reconhecer que a língua ensinada na escola é uma das múltiplas possibilidades de combinação da Língua Portuguesa.

Halliday (1993) comenta que a língua escrita é lexicalmente densa, mas gramaticalmente simples, e a língua falada é gramaticalmente intrincada e lexicalmente esparsa. Entretanto, essas propriedades se complementam. O professor deve saber lidar com as combinações linguísticas que fogem da regra da língua padrão, uma vez que são usadas no dia a dia. Sabe-se que a norma padrão ainda é minoritária, sendo usada por poucas pessoas.

O professor não deve apenas ensinar a norma padrão, mas apresentar também a verdadeira situação linguística do país, com exemplos de língua falada e escrita, formal e informal, rural e urbana, literária e não literária, culta e não culta, e assim por diante. É preciso explicar como cada modalidade pode ser usada, apontando o prestígio ou não prestígio social de cada uma. Uma das tarefas do professor é elevar a autoestima linguística do cidadão, mostrando que ele já sabe português desde pequeno e que a língua materna é valiosa assim como a língua que ele aprenderá na escola (BAGNO, 2005).

A Língua Portuguesa está mudando seu foco nos últimos anos, seu propósito em sala de aula e com as novas tecnologias, novos gêneros surgindo (VIEIRA et al., 2007). Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) abordam o foco na mudança de ensino da Língua Portuguesa:

A nova crítica do ensino de Língua Portuguesa, no entanto, só se estabeleceria mais consistentemente no início dos anos 80, quando as pesquisas produzidas por uma linguística independente da tradição normativa e filológica e os estudos desenvolvidos em variação linguística e psicolinguística, entre outras, possibilitaram avanços nas áreas de educação e psicologia da aprendizagem, principalmente no que se refere à aquisição da escrita. Este novo quadro permitiu a emergência de um corpo relativamente coeso de reflexões sobre a finalidade e os conteúdos do ensino de língua materna. [...] A divulgação dessas teses desencadeou um esforço de revisão das práticas de ensino da língua, na direção de orientá-las para a ressignificação da noção de erro, para a admissão das variedades linguísticas próprias dos alunos, muitas delas marcadas pelo estigma social, e para a valorização das hipóteses linguísticas elaboradas pelos alunos no processo de reflexão sobre a linguagem e para o trabalho com textos reais, ao invés de textos especialmente construídos para o aprendizado da escrita (BRASIL, 1998, p. 17 e 18).

Durante os milênios, o livro sofreu muitas adaptações com mutações culturais e

com instaurações de diversos hábitos de leitura. Chartier (1998) comenta que o texto escrito contou com vários tipos de suportes como pergaminhos e, atualmente, a tela do computador e do celular são bem mais usados. O texto eletrônico compete com publicações impressas e a passagem do papel para o cristal líquido chama a atenção de pesquisadores, causando diversos tipos de debates.

Associando ao *internetês*, verifica-se que a produção de um texto empobrecido em sala de aula não ocorre principalmente pela questão do uso da linguagem da internet. A situação é mais antiga, enraizada na cultura e nos aspectos que devem ser observados como a falta de prática da leitura e do uso de dicionário, algo que deveria ser incentivado em casa, além da escola.

Em suma, cada vez mais, crianças e adolescentes estão se conectando e pertencendo ao mundo virtual, preocupando os educadores que consideram que, com o uso constante da internet, especialmente redes sociais digitais, é possível aprender a escrever errado. Cassoni (1999) discorda da teoria e afirma que a internet influencia a língua e o mundo virtual possui sua linguagem própria e que, por mais que a gramática tente frear esse fenômeno, ele já aconteceu e imperará nos próximos séculos. Segundo o autor, é preciso caminhar para uma língua universal via computador, tecnologia, redes sociais. E os usuários da internet já criaram e continuarão criando novos códigos.

Considerações Finais

A modalidade escrita da Língua Portuguesa apresenta manifestações sintáticas e morfológicas específicas, quando são associadas e produzidas em um contexto digital e tecnológico. Isso, por sua vez, acarreta em um conjunto expressivo de variedades linguísticas, considerando que a flexibilidade gramatical conferida ao gênero confere a sua escrita organicidade explícita. Sendo assim, é importante, durante práticas pedagógicas, possibilitar aos alunos o conhecimento da escrita no âmbito digital, apontando semelhanças e diferenças. É preciso que o aluno tenha consciência do uso da escrita nesse contexto específico de enunciação, tendo em vista o fato de o mundo estar cada vez mais imerso às práticas sociais construídas por intermédio das ferramentas digitais e tecnológicas, as quais emergem a partir da constante difusão de informações. Essas, por sua vez, semiotizam práticas ideológicas e discursivas dos ambientes digitais.

Os ambientes virtuais apontam uma relação específica entre o texto e sua escrita. É pertinente afirmar que se trata de algo peculiar das manifestações digitais, pois sua escrita integra a oralidade e a escrita, vistas sob uma nova perspectiva, de modo a se tornar algo convidativo para discussões acadêmicas na área da educação, bem como da produção da escrita em diversos eixos teóricos.

As práticas pedagógicas, em uma realidade pós-moderna na educação planetária, passam por um momento de transformação. Logo, os meandros de ensino de escrita em Língua Portuguesa convidam pesquisadores, de todas as áreas do conhecimento, a repensarem novas estratégias de didáticas, as quais possam ser mais visíveis nas práticas

rotineiras da sociedade, o que minimiza um ensino meramente reprodutivo e abstrato.

Nesse sentido, é pertinente afirmar também que a comunicação virtual acontece de modo dinâmico e que novas formas de comunicação estão se constituindo com o passar dos anos. Atualmente, as pessoas com mais acesso aos meios virtuais são os jovens que já fazem parte de uma era global.

Partindo desse pressuposto, é necessário que os professores levem para as salas de aula práticas de ensino de acordo com a realidade do aluno, despertando a curiosidade de todos para que desenvolvam habilidades de leitura e escrita no ambiente escolar. Desse modo, todos aprenderão de forma mais prazerosa e dinâmica, já que a sala de aula precisa ser um ambiente incentivador para que o aluno esteja sempre motivado e consiga atingir os objetivos propostos no ensino.

Referências bibliográficas

- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**. 41. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- BRAGA, D. B. Letramento na internet: O que mudou e como tais mudanças podem afetar a linguagem, o ensino e o acesso social. In.: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). **Linguística aplicada: suas faces e interfaces**. Campinas: Mercado de Letras, 2007, p. 181-198.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAGLIARI, L. E. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1992.
- CAMPÊLO, S. R. S. Os internetês: a multimodalidade presente na escrita juvenil. **Anais do SIELP**, v. 2, N. 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.
- CASSONI, A. M. **Entrevista: A comunicação do professor**. 1999. Disponível em: [WWW.URL:http://www.netsite.com.br/revide/080298/entrevis.htm](http://www.netsite.com.br/revide/080298/entrevis.htm). Acesso em: 12 abr. 2021.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.
- COSTA, L. C. **Drumond e o dicionário**. Letra & letras. Vol. 12, 1986.
- FREITAS, M. T.A.; COSTA, S. R. **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GALLI, F. C. S. Linguagem da internet: um meio de comunicação global. In: MARCUSCHI, L. A. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas, Mercado das letras, 1996.
- GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- HALLIDAY, M. A. K. **Spoken and written modes of meaning**. Media texts. Authors and Readers. David Graddol, Boyd. Barrett. The Open University, 1993.

- KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- KOMESU, F.; TENANI, L. Considerações sobre o conceito de “internetês” nos estudos da linguagem. **Linguagem em (Dis)curso**. Palhoça, SC. V.9, n.3, p. 621-643, set./ dez. 2009.
- LAKOFF, G. E JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2004.
- MARCUSCHI, L. A., XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna: 2004.
- MIGLIO, M. **Conversando em internetês**. internet.br, Rio de Janeiro, p. 32-35, novembro 1998.
- MORIN, E.; CIURANA, E. R.; MOTTA, R. D. **Educar na era planetária: O pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- PONTES, E. O “*continuum*” língua oral e língua escrita: por uma nova concepção do ensino. **Trab. Ling. Apl.** Campinas, (12):101-107, jul./dez. 1988.
- PRENSKY, M. **Digital natives, digital immigrants**. NCB University Press, v. 9, n. 5, Oct. 2001.
- SANTOS, G.; MORAES, R. A. **A educação na sociedade tecnológica**. In: SANTOS, G. L. (Org.). **Tecnologias na Educação e Formação de Professores**. Brasília: Plano Editora, 2003.
- SIGNORINI, I. Bordas e Fronteiras entre Escritas Grafocêntricas e Hipermediáticas. In.: MOITA LOPES, L. P. (Org). **Linguística aplicada na modernidade recente: Festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 197-2010.
- SOUZA, D. **A influência da internet no domínio da escrita: Análises e Inferências**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.
- STREET, B. V. **Literacy in the theory and practice**. Cambridge University Press, 1984.
- VIEIRA, J. A. et al. **Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.